

BILINGUISMO NO INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS: PRÁTICAS INSTITUINTES E INOVAÇÕES PEDAGÓGICAS

BILINGUALISM AT THE NATIONAL INSTITUTE OF DEAF EDUCATION: INSTITUTING PRACTICES AND PEDAGOGICAL INNOVATIONS

Mario Missagia¹
Erika Souza Leme²
Rejany dos Santos Dominick³

Um homem se confunde, gradualmente, com a forma de seu destino; um homem é, afinal, suas circunstâncias. Mais que um decifrador ou um vingador, mais que um sacerdote do deus, eu era um encarcerado. Do incansável labirinto de sonhos regresssei, como à minha casa, à dura prisão (BORGES).

A ideia que deu origem a este número especial poderia ser contada de várias formas, mas subitamente ela retorna ao organizador deste número quando de sua leitura da passagem acima. O conto que a contém está em um livro de Jorge Luis Borges, chamado O Aleph (1949)⁴. Nele, em "A Escrita do Deus", o autor recorre à passagem não para enxergar neste ou naquele homem a resultante passiva de um conjunto de circunstâncias que o move. Não, antes disto é para perceber que o caminho feito é, ele próprio, parte do lugar onde se chega e que não existiria fora das experiências que constituem homem e caminho. Neste sentido, o autor nota que a forma encontrada, por cada um de nós, para buscar o fim a que nos propomos não pode ser outra que não as próprias circunstâncias que nos encarceram neste único mundo concreto, existente frente a tantos outros mundos possíveis.

O debate trazido pelo autor argentino não é a respeito da autonomia do Homem frente às circunstâncias que o condicionam. É, sim, um debate sobre a constituição do

¹ Professor Adjunto do Departamento de Ensino Superior do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Doutor em Ciência Política (UFF) e membro do grupo de pesquisa Narrativas Sobre Surdez, História e Sociedade. Organizador deste número da Revista Aleph.

² Professora Adjunta da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF). Doutora em Educação (UFF). Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas LaIFE - Laboratório de Inclusão, Formação Cultural e Educação. Membro da AIIIPE - Associação Internacional de Inclusão, Interculturalidade e Inovação Pedagógica. Editora da Revista Aleph. E-mail: erikaleme@id.uff.br

³ Doutora em História, Filosofia e Educação (UNICAMP). Professora, extensionista e pesquisadora da Faculdade de Educação da UFF e do Curso de Mestrado em Diversidade e Inclusão do Instituto de Biologia-UFF. 1ª Secretária da Associação Internacional de Inclusão, Interculturalidade e Inovação Pedagógica, coordenadora de área do PIBID-UFF Pedagogia - Niterói 2022 e Editora da Revista Aleph. E-mail: rejany_dominick@id.uff.br.

⁴ Disponível gratuitamente em <https://doceru.com/doc/n505n>.

Homem em suas próprias experiências, essas são expressões da vontade e das influências que nos impelem em algum sentido. A forma da existência do Homem tem, como condição necessária, à própria circunstância, que é sua existência. Um novelo que nos enreda!

Borges, ao tomar o mesmo caminho trilhado por José Ortega y Gasset (1967)⁵, em suas *Meditações do Quixote*, tenta desfazer a distinção entre o Homem e o mundo compreendendo que o que pode existir é o homem no mundo. Talvez, o homem aprisionado da epígrafe valha como metáfora também para a educação de surdos. A concreta frustração daqueles que esperavam seus filhos nascerem ouvintes fundou as bases de muitas das experiências educacionais que enxergaram os surdos por suas ausências. Tais experiências, por sua vez, foram, também, a condição objetiva que fez nascer uma militância orientada ao combate da concepção, então hegemônica, ligada à falta. As escolas de surdos, que ensinavam jovens surdos a falar, os colocavam diante de professores ouvintes. A identificação entre os discentes e a busca pela interação entre pessoas de mesmas condições potencializaram o embrião de uma língua e esta como um lugar exclusivo de pertencimento. Mas, poderia existir este lugar sem os outros? Desde então, os desafios travados historicamente, alguns com avanços significativos para a inclusão das pessoas surdas e da língua de sinais, capilarizaram-se nas mais diversas esferas da vida social.

No INES há uma busca pela superação de antigas fórmulas pelas vias das práticas pedagógicas dos próprios docentes que se retiram dos lugares de conforto. O nascimento do curso de Pedagogia indicou a ênfase na educação bilíngue de surdos, ao propor tomar a Libras como língua de instrução. Nesta perspectiva, foi ofertada a tradução simultânea da Libras e da língua Portuguesa em todos os seus espaços pedagógicos. Tal ação não solucionou os desafios anteriores, embora significando avanços, ela também propôs novos desafios.

Tal como o prisioneiro descrito por Borges, que alimentou a esperança de fugir de sua prisão, surdos e ouvintes viram como condição necessária decifrar a língua na qual o Deus teria escrito o mundo. Ao longo dos anos em que passou encarcerado, com a "fórmula de catorze palavras casuais", o prisioneiro poderia finalmente "abolir este cárcere de pedra, para que o dia entrasse em minha noite". Contudo, o desejo por uma língua que decifrasse os enigmas e abrisse o mundo para que os surdos e ouvintes o lessem de forma igual tem se

⁵ Leia grátis em <https://doceru.com/doc/nn0xnnv>

mostrado um sonho, especialmente a partir do momento em que voltamos às circunstâncias concretas e complexas desta condição que tem se constituído na reorganização das nossas relações. Ao conquistarmos acessibilidade linguística para os surdos nos deparamos com outro desafio: a complexidade prática da educação bilíngue para surdos e ouvintes. Essa vai muito além das dificuldades trazidas pelo maior ou menor domínio de suas condições básicas: a Libras e a língua portuguesa escrita são desafios para os dois grupos de estudantes.

Os textos reunidos neste número especial trazem em comum o esforço de buscar refletir e registrar estas novas circunstâncias e desafios da educação de surdos e ouvintes no contexto das iniciativas no INES.

Nunca tínhamos experienciado um curso a distância que se propôs a usar Libras como língua de instrução: um desafio. Os problemas que vivenciamos não foram os que imaginávamos: nesta perspectiva, aprendemos a nos inovar pedagogicamente. Vivemos assim, o desafio de colocar em interação tecnologias, Libras e Língua Portuguesa, tudo junto e embolado, para conseguirmos viver uma escola que inclui não apenas alunos surdos, mas também professores surdos e ouvintes, todos com diferentes níveis de proficiência em Libras. Neste contexto, a bidocência e o bilinguismo se afirmaram neste espaço educacional.

Ferramentas como: o Manuário Acadêmico e Escolar, online, em construção, com sinais específicos das áreas de Pedagogia e de Ensino; a plataforma do curso de graduação em EAD; o repositório digital para agregar e disponibilizar materiais; e recursos audiovisuais contemporâneos têm sido essenciais para organizar e viabilizar as interações entre surdos e entre surdos e ouvintes. No ensino superior, o desafio é ensinar os dois ao mesmo tempo, propondo uma relação entre a Libras e a Língua Portuguesa falada e escrita que não seja a alternância na forma da tradução, mas sim com o uso complementar que permite a surdos e a ouvintes construir sentidos, assim como a própria Libras se constitui no processo.

Com este fomos levados a refletir sobre temas como o encerramento das atividades da TV INES, que foi uma grande perda para todos. O dia a dia nos bastidores da TV foi exigindo dos dois grupos uma mudança de paradigma com relação à comunicação, espaço bilíngue e aceitação das diferenças. A experiência gerou a inclusão na dinâmica de trabalho de novas

técnicas que possibilitaram a construção de um material bilíngue totalmente acessível à comunidade surda.

Todas as experiências aqui abordadas foram possíveis por força do desdobramento das circunstâncias desafiadoras que impulsionaram mudanças, desterritorializando saberes e fazeres. A afirmação de uma educação bilíngue de surdos tem se apresentado como o fim de uma educação calcada no esforço de normalizar os surdos, mas provou ser também o ponto de partida de novas questões que antes não podíamos antever.

Qual o papel dos ouvintes na educação bilíngue de surdos? Qual sua relação com a Libras? Qual a relação dos surdos e dos ouvintes com a escrita em língua portuguesa? Como será organizado um espaço educacional frequentado por surdos e ouvintes com diferentes competências linguísticas? Como disponibilizar conteúdos de forma bilíngue em um repositório virtual ou na forma de programas de TV? Como professores ouvintes constroem suas práticas pedagógicas com alunos surdos do primeiro segmento do ensino fundamental, tendo a língua Portuguesa como segunda língua? Estas questões colocam em fluxo saberes instituídos e tecem saberes instituintes propostos por autores que nem sempre estão seguros nas margens.

A Libras e o INES, como espaço bilíngue, seguem sendo construídos em suas circunstâncias que dão aos que por eles transitam limites e possibilidades de expressão em “entre lugares”. Os autores e o organizador desta edição da Aleph, em suas próprias trajetórias, revelam os processos de deslocamento. Há autores egressos do curso de Pedagogia bilíngue que hoje refletem sobre suas práticas como professores do nosso colégio de aplicação. Há autores que são professores surdos e ouvintes, dentre eles codas. Autores-professores que atuam nas modalidades presencial e semipresencial no curso de Pedagogia. Profissionais dedicados a estudar a educação de surdos em espaços escolares e não escolares. Diretores de departamentos do INES em diferentes momentos da educação de surdos. Com esta diversidade esperamos dar conta de compartilhar com os leitores os desafios de nossas novas circunstâncias.

Concluimos deixando para a reflexão de todos e todas uma citação do livro Mil Platôs 1, de Deleuze e Guattari (1995)⁶, que nos instiga a sair do território da separação para a perspectiva de uma espécie de “entre” lugar:

⁶ Leia grátis em <https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=3808352>

Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. A árvore impõe o verbo “ser” mas o rizoma tem como tecido a conjunção “e...e...e...” Há nessa conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser. [...] Entre as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói as margens e adquire velocidade no meio (p. 37).